

PARA ALÉM DE SARAMAGO: A LEITURA, NO BRASIL, DE FICCIONISTAS PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS.

Marlise Vaz Bridi
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Universidade de São Paulo

Qualquer leitor brasileiro que deseje ler as obras de José Saramago tem acesso a seus livros sem qualquer dificuldade. Em livrarias comuns, quer sejam de rede, quer de grandes magazines, ou mesmo em secções de livros e revistas de estabelecimentos como supermercados podemos encontrar as obras de Saramago, sobretudo após a outorga do Prêmio Nobel ao escritor português, o que lhe deu maior visibilidade. Entretanto, se é verdade que a notoriedade auxiliou em muito o implemento do mercado para seus livros, seria absolutamente falso dizer que havia grande dificuldade para a aquisição de suas obras antes da atribuição do prêmio. Saramago, a partir da década de 70, e, sobretudo, dos anos 80, com a publicação de *Memorial do Convento* em 1982, começa a ser lido no Brasil e, desde logo, sua obra recebeu grande acolhida de público e de crítica, estando acessível em edições brasileiras.

O caso de Saramago é, sem dúvida, diverso do de outros escritores portugueses contemporâneos. Com uma literatura considerada importante dentre as européias e ocidentais, pela qualidade do conjunto de sua produção, a Literatura Portuguesa das últimas décadas do século XX ofereceu aos leitores um vasto manancial de ficcionistas de primeira plana. Esses ficcionistas, entretanto, não tiveram – enquanto recepção – a mesma sorte de Saramago, ainda que tenham seu público específico no Brasil. Examinar a oferta e a circulação das obras destes outros escritores portugueses e estabelecer um pouco da história da recepção brasileira desta produção literária são fatos que merecem alguma reflexão mais detida.

O critério para estabelecer uma seleção de ficcionistas portugueses contemporâneos representativos para o objeto desta pesquisa passa, necessariamente, por uma valoração crítico-

estética, mas também por uma definição de caráter acadêmico (pois é necessário considerar o fato de tais escritores terem sido objeto de estudos crítico-literários), e de caráter mercadológico (por terem, ou não, recebido edições brasileiras de suas obras). Entre os muitos escritores portugueses surgidos na segunda metade do século XX que foram objeto de estudos críticos no Brasil, para além de Saramago, que se constituiu em consistente núcleo de estudos entre nós (com numerosas teses de doutorado, dissertações de mestrado e obras de crítica publicadas acerca de sua obra), destacam-se José Cardoso Pires, Almeida Faria, António Lobo Antunes, Lídia Jorge e Teolinda Gersão.¹

Deste grupo de ficcionistas, aquele cuja produção é mais antiga é José Cardoso Pires (1921-1998), que teve seu primeiro livro, de narrativas curtas, *Caminheiros e outros contos*, publicado em 1949. Dada a excelência de sua produção literária, reconhecida pela crítica e por seus pares dentro e fora de seu país, e pelo tempo decorrido desde o início de sua carreira (já que, de maneira geral, o tempo trabalha em favor da recepção das grandes obras literárias), a hipótese mais viável talvez fosse a presença consistente de suas obras no mercado brasileiro, pois, no caso de José Cardoso Pires, conjugam-se edições brasileiras e receptividade acadêmica de sua obra.

Pesquisa realizada em 2002, em 12 livrarias de São Paulo², revela, entretanto, um quadro diverso, mas não inesperado para quem, por interesse ou por motivos profissionais, teve de lidar com a escassez de obras portuguesas no mercado brasileiro.

Dentre os 18 títulos que compõe a obra de Cardoso Pires, são referidos, nos estoques das livrarias, 5 títulos (*O Delfim*, de 1968, *Balada da Praia dos Cães*, de 1982, *Alexandra Alpha*, de

¹ Em obra brasileira acerca da Literatura Portuguesa Contemporânea, Álvaro Cardoso Gomes, embora o mencione, deixa José Cardoso Pires de lado por não pertencer ao período com o qual trabalhou. Entretanto, acrescenta José Saramago que não é objeto do presente estudo. Cf. Gomes, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo, EDUSP, 1993.

² As livrarias pesquisadas são as que se seguem (indicadas em ordem alfabética): Amazon, Cultura, FNAC, Livraria Camões, Livraria Livro-Técnico, Livraria Portugal, Martins Fontes, Nobel, Papervivos, Saraiva, Siciliano e Submarino.

1987, *De Profundis – Valsa Lenta*, de 1997 e *Lisboa – Livro de Bordo*, de 1997), mas são encontráveis 4 deles, uma vez que *Alexandra Alpha* está indicado como esgotado. Tal oferta concentra-se em apenas metade das livrarias pesquisadas, sendo que, na outra metade, nenhum título consta do catálogo.

Quanto à distribuição dos títulos pelas livrarias, pode-se constatar que, das 6 livrarias em que, 1 apresenta apenas 1 título, 2 apresentam 2 títulos, 1 apresenta 3 títulos, 1 apresenta 4 títulos e 1 apresenta 5 títulos. O resultado assim colocado, do ponto de vista meramente numérico, falseia a realidade, pois, além da presença do título esgotado no catálogo de 3 livrarias, ainda encontram-se em catálogo de duas das livrarias traduções de obras de Cardoso Pires (em um caso, *Le Dauphin*, em versão francesa publicada pela Gallimard e, em outro, *Ballad of Dogs'Beach: Dossier of a Crime*, em versão inglesa publicada por Beaufort Books) fato que, em última instância, reduz ainda mais a oferta de obras do autor entre nós: não há sentido, a não ser em caso de comparação entre texto original e sua tradução, que, no Brasil, se leia a obra de autores portugueses em outra língua; afinal, temos – brasileiros, portugueses e outros luso falantes – o privilégio de podermos partilhar, através da língua comum, das literaturas e das culturas de nossas comunidades, sem intermediação de tradução.

Outra observação deve ser ainda considerada. Dos 5 títulos que compõe o rol de obras de Cardoso Pires em catálogo de livrarias brasileiras (desde que tomemos São Paulo como representante de Brasil!), 3 são obras de ficção (ainda que 1 esteja esgotada) e 2 obras são de outra natureza, a saber, memórias (*De Profundis – Valsa Lenta*) e ensaio (*Lisboa – Livro de Bordo*). Portanto, aos leitores ou aos estudiosos de ficção, a oferta se limita a 2 títulos: *O Delfim* e *Balada da Praia dos Cães*. Muito pouco para a importância de José Cardoso Pires no quadro da Literatura Portuguesa Contemporânea.

Um último dado, que diz respeito às editoras, pode ser significativo para a interpretação da oferta de obras portuguesas no Brasil. Das obras em catálogo, 2 foram publicadas pela Civilização Brasileira (*O Delfim* e *Balada da Praia dos Cães*), 1 pela Bertrand Brasil (*De Profundis – Valsa Lenta*) e 1 pela Companhia das Letras (*Alexandra Alpha*); há ainda 1 da Editora Dom Quixote de Lisboa e 2 (*O Delfim* e *Balada da Praia dos Cães*) que aparecem indicadas, por uma das livrarias, como publicadas pela Editora Record, o que não pode ser confirmado pelo catálogo da editora. É possível inferir desses dados certo descuido em relação às informações que são fornecidas acerca das obras oferecidas em catálogo, assim como a talvez deliberada sonegação de edições e reimpressões de obras literárias, pois as edições da Civilização Brasileira datam de 1983 (*O Delfim*, em 2ª ed e *Balada da Praia dos Cães*, em 1ª ed) sem outras informações como tiragem, por exemplo. A editora que, sem dúvida, escapa desta prática é a Companhia das Letras (*Alexandra Alpha*, 1ª ed de 1988) que apresenta, com clareza, informações de edição e de reimpressão a partir do momento em que a obra ultrapassa a primeira edição.

Dados precisos seriam da maior importância para que se soubesse mais acerca da circulação de obras literárias, mas, na realidade, a ausência de tais informações e a dificuldade em obtê-las é também informativa: faz parte da lógica de mercado, pois, quando são interessantes como prática mercadológica, elas não só são apresentadas como alardeadas para, por exemplo, realimentar a venda de obras já recordistas de vendagem. Diga-se de passagem, que esta tornou-se prática comum em relação às obras de José Saramago, também publicadas, no Brasil, pela Companhia das Letras.

Mas, se esse é, em linhas gerais, o quadro que se desenha a partir da breve pesquisa realizada no que tange ao estado atual (primeiro semestre de 2002) e pontual (em livrarias de São Paulo) da circulação das obras de José Cardoso Pires, há aspectos que não podem ser negligenciados. Pelo menos duas das livrarias objeto da pesquisa aceitam encomendas de livros

em catálogo de editoras estrangeiras, ou seja, no caso, da editora portuguesa detentora do acervo de Cardoso Pires. Há também livrarias especializadas em edições portuguesas que, apesar dos custos elevados, vêm atendendo, ao longo dos anos, às demandas de obras literárias portuguesas. Claro está, entretanto, que a circulação de obras portuguesas que se realiza por esse meio, não pode ser senão restrita a especialistas e a uns poucos aficionados.

Quando a pesquisa se estende para os outros escritores selecionados – Almeida Faria, António Lobo Antunes, Lídia Jorge e Teolinda Gersão – as informações colhidas não são menos surpreendentes. Considerando as mesmas 12 livrarias que serviram de base à pesquisa, o número de livrarias que apresentam alguma obra de ficcionistas portugueses contemporâneos se amplia das 6 que apresentavam obras de José Cardoso Pires para 9 que apresentam em catálogo ao menos uma obra de algum dos escritores selecionados como representativos. Entretanto, se esta informação é no mínimo positiva, para as obras de Teolinda Gersão, importante ficcionista portuguesa contemporânea, encontra-se em catálogo apenas uma única referência à obra de sua autoria e de edição Portuguesa (*Os anjos*, Dom Quixote). Ou seja, leitores brasileiros não têm acesso à obra da escritora, senão com muita dificuldade.

Em relação aos outros ficcionistas, aquele que apresenta maior número de títulos à disposição dos leitores brasileiros é, sem dúvida, António Lobo Antunes. Das 9 livrarias com referências a obras de ficcionistas portugueses contemporâneos selecionados para a pesquisa, todas indicam obras do autor. O menor número de obras é de um título e o maior, atinge 18 indicações, das quais 7 de traduções para o inglês, 3 traduções para o espanhol e 3 obras de caráter científico (sobre neurologia, uma vez que é também neuropsiquiatra), sendo as restantes de títulos em português. Há, ainda, no caso de Lobo Antunes, um núcleo de obras de sua autoria, composto de 5 títulos, publicados por editoras brasileiras (Best Seller e Rocco), que aparece praticamente em todas as livrarias pesquisadas: *Fado Alexandrino* (1983), *Auto dos Danados*

(1985), *Esplendor de Portugal*, *Exortação aos Crocodilos* e *Manual dos Inquisidores*. Por fim, ainda há a referência em catálogo a *Os Cus de Judas* (1979), indicado como esgotado. Essa constância dos mesmos títulos, oferecidos em grande número de livrarias, talvez aponte para uma significativa presença do escritor entre os leitores brasileiros, presentemente o mais lido/consumido entre nós, depois de Saramago.

Quanto a Almeida Faria e a Lídia Jorge, a presença de títulos de ambos é mais discreta. Almeida Faria tem obras indicadas em 8, e Lídia Jorge, em 4, dentre as 9 livrarias com referência às obras dos autores pesquisados. De Lídia Jorge, aparecem, com ao menos uma referência, as obras *O Dia dos Prodígios* (1980), *O Cais das Merendas* (1982), *Notícias da Cidade Silvestre* (1984) e *A Costa dos Murmúrios* (1988) – este último também oferecido em inglês, *The Murmuring Coast*.

De Almeida Faria, das 8 livrarias que apresentam obras em catálogo, *O Conquistador* aparece em 5 delas, e as outras obras (*Rumor Branco* - 1962, *A paixão* - 1965, *Cortes* - 1978, *Lusitânia* - 1980, *Cavaleiro Andante* - 1983, *Vozes da Paixão* e *A Reviravolta*) oscilam entre o máximo de 3 e o mínimo de 1 indicação. A presença ainda que espalhada em 8 livrarias de 8 títulos do ficcionista português parece ser um indício de certo interesse dos leitores brasileiros (e das editoras que o divulgam) por sua obra.

A leitura, no Brasil, de tais escritores portugueses contemporâneos não se apoia, claro está, apenas em oferta tão parca. Além das edições portuguesas, já mencionadas anteriormente, as bibliotecas universitárias talvez possam ser a fonte de mais leitura. Verificar tal hipótese é um desdobramento desta pesquisa que, entretanto, não se efetivou nesta oportunidade.

Ao lado da questão que até aqui se desenhou, a da circulação de obras ficcionais de escritores portugueses contemporâneos, a outra questão é a da recepção destas obras.

Não resta dúvida de que um dos nichos mais profícuos na divulgação de obras literárias portuguesas contemporâneas no Brasil encontra-se na Universidade. A Universidade Brasileira tem sido, nas últimas décadas, sabidamente um centro de divulgação e de estudos acerca de escritores portugueses contemporâneos. Os escritores aqui referidos têm sido, com frequência, objeto de estudos, pesquisas e publicações entre nós.

Tomemos, à guisa de exemplo, o caso de José Cardoso Pires. De acordo com a bibliografia apensa à obra *José Cardoso Pires – Fotobiografia*³ (que não pretende ser um levantamento exaustivo da bibliografia passiva acerca do escritor, mas tão somente a relação dos trabalhos encontrados no espólio do autor até o momento da publicação da obra), apenas entre dissertações de mestrado, teses de doutoramento e de livre docência, os trabalhos acadêmicos dedicados à obra do autor somam 8, dos quais apenas um foi defendido em Portugal e todos os outros apresentados em Universidades brasileiras. Trata-se apenas e tão-somente de uma amostragem indicativa do interesse de estudantes e professores brasileiros pelo segmento da literatura portuguesa recente, como resultante do estabelecimento de uma área de pesquisa que, desde o fim da década de 60, inclui cursos de Graduação e de Pós-Graduação que, sistematicamente, tomam como objeto sob várias perspectivas teóricas, o estudo de obras de ficcionistas contemporâneos.

Cabe destacar que a inclusão de autores da Literatura Contemporânea como objeto de estudo de disciplinas acadêmicas, sobretudo no âmbito dos estudos de Graduação, não é uma prática corriqueira, ainda que venha sendo, recentemente, cada vez mais adotada no caso da Literatura Portuguesa. Se é sabido que a escola tem parte no estabelecimento do cânone literário com a divulgação dos considerados clássicos da literatura, exatamente essa função faz com que seja conservadora no que respeita a aceitação da inovação e do que se contrapõe ao gosto e aos

³ Pedrosa, Inês. *José Cardoso Pires: Fotobiografia*. Lisboa, Dom Quixote, 1999.

valores já assimilados pelo discurso dominante de uma época. Se a escola (e quem diz escola, diz academia e diz Universidade) não rechaça inteiramente o novo em matéria de literatura (e de arte), mostra-se cautelosa em relação a seus objetos de estudo. O discurso acadêmico, via de regra, justifica o não enfrentamento da literatura estritamente contemporânea com a justificativa de que, entre crítico e seu objeto de estudo, quando esse objeto é a literatura contemporânea, não há distanciamento crítico. O argumento completa-se com a indicação de que apenas a literatura de autores falecidos e, portanto, tornados um conjunto estável de obras literárias, deveria prestar-se como *corpus* de pesquisa e de crítica acadêmica.

Os que optaram, ao longo das últimas décadas, pela inclusão da Literatura Portuguesa Contemporânea em seus cursos de Graduação e de Pós-Graduação, bem como de seu objeto de estudo e pesquisa, fizeram-no algumas vezes resguardados por um contra-discurso que se apóia na distância espacial como garantia de distanciamento crítico. De fato, o afastamento entre Brasil e Portugal, que o Atlântico materializa, representa, tanto simbólica como realmente, a garantia de um distanciamento que, em outros casos, só o tempo pode produzir.

Entre discurso e contra-discurso, ou melhor, para além de ambos está uma concepção de cultura que já não é a daquele que supervaloriza e entroniza a “grande literatura” ou a literatura matriz (complexo de colonizado), mas que vê grandeza na literatura ainda em processo, flagrada durante a sua elaboração e captada em seus primeiros momentos de leitura e recepção. O pesquisador e crítico que assim se posiciona, não foge ao risco de expor-se ao calor da hora.

Enfim, muito falta a desvendar quando o mistério é a desproporção entre a presença editorial de escritores portugueses contemporâneos no Brasil e o interesse que esses mesmos escritores despertam. Se os trabalhos de pesquisa e de crítica que se voltam para sua obra atestam esse interesse, a escassez de oferta editorial indica uma política cultural, no mínimo, equivocada por parte de países que se alardeiam irmãos e partilham um mesmo patrimônio lingüístico. Outra

vereda a trilhar é a de fazer o inventário mais completo dos trabalhos já realizados e, então, talvez algumas das reflexões, aqui apenas consideradas preliminarmente, delineiem-se melhor e de maneira mais completa.